

Servo da Palavra de Deus: o ofício pastoral em Richard Baxter

Franklin Ferreira*

Quando eu estiver proclamando Tua graciosa salvação, oh vem dominar todo o meu coração; e quando todos estiverem maravilhados com a Palavra de Jesus, esconde-me, então, atrás de Tua cruz.¹

Os puritanos foram piedosos ministros ingleses, escoceses e americanos que nos séculos dezesseis e dezessete² buscaram purificar a Igreja da Inglaterra (Anglicana) de todos os vestígios de rituais e costumes “papistas”.³ Para isto, combinavam piedade e disciplina com o desejo de reformar a maior parcela possível da igreja e da sociedade. Eles estavam interessados em ensinar e pregar apenas segundo as Escrituras, extraíndo delas um padrão para a devoção pessoal com ênfase na conversão e no viver experimental, e adorar o Deus trino segundo Sua palavra. Sua maior paixão, conforme a primeira questão do Breve Catecismo de Westminster, era “glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre”.⁴ Segundo Lloyd-Jones, o puritanismo “é uma atitude, é um espírito... Essa atitude significa a colocação da verdade antes das questões de tradição e autoridade, e uma insistência na liberdade de servir a Deus da maneira como cada qual julga certa”.⁵

Conquanto vários deles tenham permanecido na Igreja Anglicana, com seu sistema episcopal, presbiterianos,⁶ congregacionais⁷ e batistas⁸ surgiram com este movimento. Suas principais ênfases

* Ministro da Convenção Batista Brasileira, doutorando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no mesmo seminário e na Escola de Pastores, no Rio de Janeiro.

¹ John Stott, *O perfil do pregador* (São Paulo: SEPAL, 1997), p. 165-166. Estas palavras se encontram na sacristia de Mary-at-Quay Ipswich e na igreja paroquial de Hatherleigh.

² Para uma visão erudita do período puritano, é recomendada a trilogia de Christopher Hill, *O eleito de Deus*; Oliver Cromwell e a revolução inglesa (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), *O mundo de ponta-cabeça*; idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640 (São Paulo: Companhia das Letras, 1987) e *Origens intelectuais da revolução inglesa* (São Paulo: Martins Fontes, 1992). Ver também, de Antonia Fraser, *Oliver Cromwell; uma vida* (Rio de Janeiro: Record, 2000).

³ Segundo Packer, este termo foi aplicado extensivamente a pelo menos cinco grupos de pessoas – primeiro ao clero, que tinha escrúpulos de certas cerimônias e frases de Livro de Orações; segundo, aos defensores do programa de reformas entre os presbiterianos, ventilado por Thomas Cartwright e pela admoestação do Parlamento, em 1572; terceiro, aos clérigos e leigos, não necessariamente não-conformistas, que praticavam a séria piedade calvinista; quarto, aos “calvinistas rígidos”, que aplaudiam o Sínodo de Dort (1619) e que foram alcunhados de puritanos doutrinários por outros anglicanos que não concordavam com eles; quinto, a certos grupos da nobreza que exibiam respeito público pela questões relacionadas a Deus, pelas leis da Inglaterra e pelos direitos dos súditos comuns. J. I. Packer, “O puritanismo como um movimento de reavivamento” em *Entre os gigantes de Deus*; uma visão puritana da vida cristã (São José dos Campos: Fiel, 1996), p. 33.

⁴ “Breve Catecismo” em *A confissão de fé [de Westminster]* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991), p. 389. Com esta compreensão, os puritanos – dentro da tradição reformada – lutaram para glorificar a Deus no trabalho, sexo e casamento, no tratamento com o dinheiro, na família, na pregação, na vida da igreja, no culto, na educação, na ação social, no estudo das Escrituras. Para uma excelente exposição deste parágrafo, ver Leland Ryken, *Santos no mundo*; os puritanos como eles realmente eram (São José dos Campos: Fiel, 1992).

⁵ D. M. Lloyd-Jones, “O puritanismo e suas origens” em *Os Puritanos*; suas origens e sucessores (São Paulo: PES, 1993), pp. 249-250.

⁶ Thomas Cartwright, professor da Universidade de Cambridge, perdeu sua posição por causa de suas pregações nos primeiros capítulos de Atos, nas quais argumentou a favor de um cristianismo simplificado e uma forma presbiteriana de governo eclesiástico. A primeira igreja presbiteriana foi a de Wandsworth, fundada em 1572. Ver E. E. Cairns, *Cristianismo através dos séculos* (São Paulo: Vida Nova, 1988), p. 274. O presbiterianismo teve uma forte influência no cenário inglês entre 1643 e 1648.

⁷ Em 1616, um grupo vindo da Holanda, sob a liderança de Henry Jacob fundou uma congregação de independentes (ou congregacionais) em Southwark, Londres. Em 1658 eles adotaram uma versão levemente modificada da Confissão de Westminster, a Declaração de Savoy. Eles, durante o período conhecido como *Commonwealth* se tornaram mais poderosos que os presbiterianos. Ver E. E. Cairns, *op. cit.*, pp. 274-275 e “Henry Jacob e a primeira igreja congregacional” em D. M. Lloyd-Jones, *op. cit.*, pp. 159-180.

teológicas, segundo a “Confissão de fé de Westminster” e a “Declaração de Savoy sobre fé e ordem”,⁹ podem ser assim sumariadas:

Os puritanos como grupo defendiam a verdade divina e a autoridade das Escrituras, a visão calvinista do pecado, da graça, da fé e da igreja (para a qual ‘agostinianismo reformado’ seria um bom nome), e a necessidade de a vida da igreja, da comunidade e do indivíduo serem santificadas por meio de controle bíblico.

Contra a crença anglicana de que as Escrituras dão apenas linhas generalizadas de princípios para regulamentar a vida da igreja, muitos puritanos tinham certeza de que elas davam instruções específicas para a ordem da igreja – embora os presbiterianos, os independentes [congregacionais] e os batistas, naquele tempo como sempre, vivessem em forte desacordo sobre quais eram essas instruções. Em seu senso de unidade de toda a vida e conhecimento e da solidariedade das comunidades diante de Deus (famílias, igrejas, nações), e também em sua mentalidade escolástica, seu ascetismo devocional e sua visão da vida neste mundo como preparação para o céu ou inferno, os puritanos podiam ser chamados reformados medievais. Mais distintamente, porém, tinham a convicção calvinista de que nada que não seja santificado pela Bíblia, no pensamento, na conduta ou na vida da igreja, pode agradar a Deus, com o seu corolário de que nenhum indivíduo devia fazer alguma coisa que a sua consciência, orientada pela Bíblia, não pudesse aprovar.

Firmados na compreensão reformada da justificação dos pecadores pela fé mediante a graça e focalizando as necessidades pastorais e os problemas do seu tempo, os mestres puritanos concentravam-se nas realidades da salvação do pecado: regeneração e santificação; as causas e a cura da hipocrisia e ‘falsa paz’; fé e certeza; oração e comunhão com Deus; consciência e casuística (que poderíamos chamar de ‘aconselhamento’); resumindo, a obra do Espírito Santo no cristão, a vida de Deus na alma do homem. Aqui suas percepções interiores são excepcionalmente valiosas...

Os puritanos re-introduziram a visão de [Tomás de] Aquino de que o quarto dos Dez Mandamentos, a respeito do descanso semanal, pertence à lei moral. O Dia do Senhor – o dia da ressurreição de Jesus – deveria ser guardado como dia de descanso.¹⁰

Eles tinham uma literatura em comum, doutrinária, evangelística e devocional, com um estilo homilético e uma ênfase experimental, e, no seu conjunto, as obras dos puritanos compõem a mais extensa biblioteca de teologia sacra e prática que o protestantismo possui.¹¹

1. Um notável pastor e evangelista

Richard Baxter nasceu em 12 de novembro de 1615, em Rowton, Salop. Segundo ele, aos quinze anos, a leitura de um livro evangelístico “abriu o amor de Deus diante de mim, conferindo-me uma apreensão mais vívida do mistério da redenção; oh, quanto me sentia grato e devedor a Jesus Cristo”.¹²

⁸ No ano de 1633 foi fundada a primeira congregação batista em Londres, dirigida por John Spilsbury. Eles sustentavam o batismo de imersão só de adultos, autonomia da igreja local, separação da Igreja e Estado e a teologia reformada, tendo saído da igreja congregacional de Henry Jacob. Eles ficaram conhecidos como batistas particulares. Outro grupo batista, surgido antes, em cerca de 1612, na Holanda, e que emigrara para a Inglaterra, sob a liderança de Thomas Helwis, enfatizava a teologia arminiana e o batismo por aspersão, só de adultos, sendo conhecidos como batistas gerais. Ver Zaqueu Moreira de Oliveira, *Liberdade e exclusivismo*; ensaio sobre os batistas ingleses (RJ: Horizontal e Recife: STBNB, 1997), pp. 25-120 e, especialmente, Israel Belo de Azevedo, *A celebração do indivíduo*; a formação do pensamento batista brasileiro (São Bernardo do Campo: Exodus & Unimep, 1993).

⁹ Ver Henry Bettenson (ed.), *Documentos da Igreja Cristã* (SP: ASTE, 1967), pp. 284-287.

¹⁰ J. I. Packer, “Os puritanos” em Robin Keeley (org.), *Fundamentos da teologia cristã* (SP: Vida, 2000), pp. 313-314.

¹¹ Em português temos *O Peregrino* (e sua continuação, *A Peregrina*), de John Bunyan, lançado pela editora Mundo Cristão; *O que todo cristão precisa saber* [contendo os clássicos *A tentação* e *A mortificação do pecado*], *Vivendo com o Deus vivo* [contendo *Comunhão com o Espírito Santo*], *A glória de Cristo* e *Por quem Cristo morreu?*, de John Owen; *Um guia seguro para o céu*, de Joseph Alleine; *As raízes de uma fé autêntica*, de William Guthrie; *Se Deus quiser*, de John Flavel; *Aprendendo a estar contente*, de Jeremiah Burroughs e *Os puritanos e a conversão* (uma coletânea de sermões de Samuel Bolton, Nathaniel Vincent e Thomas Watson), estes últimos lançados pela editora PES. A editora Os Puritanos também lançou *Apostasia do Evangelho*, de John Owen.

¹² Para uma narrativa detalhada de sua conversão, ver J. I. Packer, “O puritanismo como um movimento de reavivamento”, *op. cit.*, p. 41-42.

Ele era um autodidata, e como membro da Igreja da Inglaterra (Anglicana), foi ordenado diácono pelo bispo de Worcester, em 1639. Foi pastor em Bridgnorth, em 1639 e 1640, e preletor em Kidderminster de 1641 a 1642. Trabalhou como capelão do exército do Parlamento em Coventry, de 1642 a 1645, e também no 9º. Regimento de Cavalaria, comandado pelo coronel Edward Whalley, de 1645 a 1647, durante a Guerra Civil.¹³ Foi pastor em Kidderminster de 1647 a 1661, onde realizou um dos mais impressionantes trabalhos pastorais da história da Igreja, e participou da Conferência de Savoy, em 1661, ao lado do maior teólogo de sua época, John Owen (1616-1683), antigo vice-chanceler da Universidade de Oxford.

Depois de expulso de sua igreja ao se recusar a assinar o infame Ato de Uniformidade, que obrigava os ministros puritanos a usar a elaborada liturgia anglicana nos cultos (outros dois mil ministros saíram pelo mesmo motivo), foi morar em Londres, no período de 1662 a 1691. Mesmo proibido de pastorear, continuou escrevendo e pregando, sendo por causa disto duas vezes aprisionado. Casou-se com Margareth Charlton em 1662. Faleceu aos 76 anos, em 8 de dezembro de 1691.

Baxter era um homem de diligência incomum, “brilhante, enérgico, eloqüente, honesto, homem de coração franco, perspicaz e totalmente dedicado à glória de Deus e ao bem do próximo”,¹⁴ que lutou com doenças constantes, sendo autor de mais de cento e trinta livros,¹⁵ entre os quais “O Pastor Aprovado” (1656), que descreve como os pastores devem cuidar primeiramente de si mesmos e, depois, de seu rebanho (inclui também orientações práticas para lidar com os problemas do pastor ao ensinar e guiar a igreja) e “Convite para Viver” (1658), que é considerado por muitos como o melhor livro sobre conversão cristã já escrito, e consiste num apelo sincero e arrazoado aos não-convertidos, para que se voltem para Deus e recebam Sua misericórdia.

Sua teologia buscava ser bíblica e racional e seus escritos estão cheios de zelo evangélico para com os perdidos, piedade genuína e um desejo de trazer a reconciliação às divisões dos cristãos em seus dias, buscando ser um pacificador eclesiástico.

2. Seu ministério em Kidderminster

Kidderminster, em Worcestershire,¹⁶ era uma aldeia com aproximadamente dois mil habitantes adultos, e, ao que parece, quase todos se converteram sob o ministério de Richard Baxter. Ele os encontrara como “um povo ignorante, rude e libertino, em sua maior parte... e praticamente nunca tinham ouvido uma pregação séria entre eles”. Mas seu ministério foi admiravelmente abençoado.

¹³ Para seu tempo no exército parlamentar, ver Don Gilbert, “Baxter as an army chaplain” e “Richard Baxter and the army” em *The Richard Baxter Society*: <http://members.tripod.com/~oboofcom/index-11.html> (30/5/2000).

¹⁴ WOOLDRIDGE, D. R. “O ensino econômico e social de Richard Baxter” in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 5 (Setembro/Outubro 1994). pp. 25-27.

¹⁵ Destas obras, só têm sido traduzidas em português, as seguintes: *O pastor aprovado*; modelo de ministério e crescimento pessoal (São Paulo: PES, 1989), *Quebrantamento*; espírito de humilhação (Ananindeua, PA: Clássicos Evangélicos, 1991) e *Medita estas coisas* (Ananindeua, PA: Clássicos Evangélicos, 1990). Há uma edição em português de seu clássico *A call to the unconverted*, por John Blanchard, *Convite para viver* (São José dos Campos: Fiel, 1992). Este livro foi publicado em 1658, e em um ano foram impressas 20.000 cópias! A maciça *A Christian directory* (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1996), que em sua edição mais recente tem 904 páginas em duas colunas (!), tem sido considerado por Timothy Keller como “o maior manual de aconselhamento bíblico jamais produzido”. Vários de seus sermões estão disponíveis em *Fire and ice*; puritan and reformed writings. <http://www.puritansermons.com> (30/5/2000). Sua mais famosa obra, um clássico sobre o céu, *The saint's everlasting rest* (O descanso eterno dos santos), está disponível em http://www.ccel.org/b/baxter/saints_rest/htm/i.htm. O pregador anglicano George Whitefield (1714-1770) reconheceu que foram os livros de Baxter que o livraram do perigo de se tornar um asceta, místico ou legalista, e o “príncipe dos pregadores”, o batista Charles Spurgeon (1834-1892), tinha os livros de Baxter como seus livros de cabeceira, tendo sido, em parte, usados em sua conversão.

¹⁶ Vale a pena dar uma olhada no site oficial da cidade em que Baxter desenvolveu seu ministério: *The Town of Kidderminster Official Web Site*: <http://www.kidderminster.org.uk/town>. A igreja em que ele serviu como pastor, “St. Mary and All Saints”, também tem um site na Internet, inclusive com um tour virtual: <http://www.stmarys-kidderminster.org.uk> (30/5/2000).

Quando iniciei meus labores, dei atenção especial a todos quantos estivessem humilhados, reformados ou convertidos; mas quando eu já havia trabalhado por bastante tempo, agradou a Deus que os convertidos fossem tantos que nem me restava tempo para essas observações particulares... famílias e número considerável de pessoas ao mesmo tempo... se achegavam e cresciam espiritualmente; eu nem sabia como.

Eis o retrospecto sobre o que estava acontecendo:

Usualmente, a congregação vivia cheia, pelo que tivemos de construir cinco galerias, depois que ali cheguei... [o templo abrigava cerca de mil pessoas, sem as galerias]. Nossas reuniões particulares também eram muito concorridas. No dia do Senhor não se via qualquer desordem nas ruas, mas podia-se ouvir uma centena de famílias entoando salmos e repetindo sermões, quando passava pelas ruas. Em poucas palavras, quando ali cheguei pela primeira vez, havia cerca de uma família em cada rua que adorava a Deus e invocava o seu nome; e quando saí dali, em algumas ruas, em quaisquer de seus lados, não havia uma única família que não O louvasse, ou que, por meio de sua piedade professa e séria, não nos desse esperança de sua sinceridade. Quando organizei entre eles conferências pessoais e catequese, houve bem poucas famílias, em toda a cidade, que recusavam vir e participar... [Baxter as convidava para visitarem-no, em sua casa]. Poucas famílias encerraram sua visita a mim sem verterem alguma lágrima, ou parecendo ser candidatos sérios a uma vida piedosa.¹⁷

Sua prática consistia em visitar sistematicamente as famílias, com o propósito de tratar espiritualmente com cada uma delas. Baxter visitava sete ou oito famílias por dia, duas vezes por semana, a fim de visitar todas as oitocentas famílias de sua congregação a cada ano. “Primeiramente eu as ouvia recitar as palavras do catecismo [ele usava o Breve Catecismo de Westminster],¹⁸ e então examinava as respostas quanto ao seu sentido, e, finalmente, exortava as famílias, com toda a capacidade de raciocínio e veemência, a fim de que tais estudos resultassem em sentimento e prática. Eu passava cerca de uma hora com cada família”.

Por catequizar ele queria dizer ensinar, pelo método de perguntas, respostas e discussões em conferências particulares, os pontos essenciais da fé contidos em um catecismo publicado. A privacidade proporciona ‘a melhor oportunidade para imprimir a verdade sobre os seus corações, quando podemos falar a cada necessidade particular do indivíduo, e dizer ao pecador, ‘Você é o homem’, e mencionar seu caso particular sem rodeios’.¹⁹

Seu testemunho quanto ao valor dessa prática é enfático: “Alguns homens simples compreenderam com competência o corpo das doutrinas teológicas... Alguns deles mostravam-se tão aptos nas suas orações que poucos ministros os igualavam... Um grande número deles era capaz de orar de forma muito louvável, com seus familiares e com outras pessoas. Sua atitude mental e a inocência de suas vidas, todavia, ainda assim eram mais dignas de louvor do que suas habilidades. Os mestres de piedade séria geralmente tinham mentes e posturas humildes...” Hoje a tarefa de ensinar a verdade cristã tem sido reduzida ao mínimo. A pergunta geralmente não é: quanto preciso ensinar? Mas, sim: qual é o mínimo que posso ensinar? Algumas vezes, isto ocorre pela relutância das congregações em aprender. Mas Baxter encarava isto como uma ímpia indisposição. Ele entendia

¹⁷ *Reliquiae Baxterianae*, p. 84, ss. *apud*: J. I. Packer, “O puritanismo como um movimento de reavivamento”, *op. cit.*, p. 44-45. Ver também Joseph Pipa, “Visitação familiar” in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 6 (Novembro/Dezembro 1994), pp. 20-24.

¹⁸ J. M. Frame, “Catecismos de Westminster” in: Walter Elwell (ed.), *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, vol. I, (São Paulo: Vida Nova, 1988), p. 252. A teologia do Breve Catecismo é concisa, precisa, equilibrada e minuciosa. Ele está estruturado em duas partes: aquilo que devemos crer a respeito de Deus e o dever que Deus requer de nós. A primeira parte recapitula o ensino básico da Confissão de Westminster sobre a natureza de Deus, Sua obra criadora e redentora. A segunda parte contém: uma exposição do decálogo, a doutrina da fé e do arrependimento e os meios de graça (a Palavra, as ordenanças, a oração, concluindo com uma exposição da Oração Dominical). O Credo dos Apóstolos vem como um apêndice, e segundo Baxter, “é o melhor Catecismo que eu conheço, o mais excelente resumo da fé cristã, e apto para testar a ortodoxia dos professores”. Para uma apresentação moderna da necessidade de ensinarmos usando um catecismo, ver N. H. Gootjes, “Pregar o catecismo” em *Revista Teológica* [Seminário Presbiteriano do Sul] Ano LVI – Número 42 (Agosto 1995), pp. 77-82.

¹⁹ *Reformed Pastor*, p. 175, *apud*: Peter White, *O pastor mestre* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), p. 153.

que não deveriam ser abandonados aspectos da verdade bíblica, se elas não despertassem o interesse imediato ou a aprovação na congregação.

Escrevendo em 1665, ele disse que, a despeito da intensa pressão exercida contra eles por causa de seu testemunho evangélico, durante anos, desde que os deixara, “nenhum só deles, até onde tenho ouvido dizer... desviou-se ou esqueceu-se de sua retidão”.²⁰ Ele escreveu sobre este período:

Preciso dar este testemunho fiel quanto àqueles tempos, pois, pelo que eu soube, onde antes havia um pregador útil e piedoso, depois havia entre seis a dez deles; e considerando várias localidades, conjecturo que havia um aumento proporcional de pessoas de veras piedosas... onde os ministros tinham excelentes aptidões e vidas santas, buscando o bem das almas, sendo totalmente devotos, dedicando seu tempo, forças e bens a esse fim, não considerando como demasiado qualquer preço ou custo; houve muitos convertidos a uma piedade séria... Deus abençoou tão maravilhosamente os esforços de seus fiéis e unânimes ministros que, não fora por causa da facção dos prelatistas... e por causa das facções dos sectários levianos e turbulentos... juntamente com alguma preguiça e egoísmo de muitos que estão no ministério, não fora por causa desses impedimentos, a Inglaterra estaria já bem perto de tornar-se uma terra de santos, um padrão de santidade para o mundo inteiro, o inigualável paraíso na terra. Nunca tão boas oportunidades para santificar uma nação foram perdidas e espezinhadas, como se tem visto ultimamente nesta terra! Ai daqueles que têm sido a causa disso [Ele se referia aos trágicos eventos que se seguiram à Restauração].²¹

George Whitefield, escreveu a um amigo, em 1743, sobre sua visita a Kidderminster: “Senti-me grandemente reanimado ao descobrir que um doce sabor da doutrina, das obras e da disciplina do Sr. Baxter tem permanecido até hoje”. Baxter instituiu o culto doméstico diário, e o lar se tornou o lugar onde Deus era adorado, onde os membros da família eram respeitados como santos e onde a Palavra de Deus era continuamente ouvida e difundida. O que aconteceu neste período foi uma obra da graça tão profunda e potente como o “grande despertamento” ocorrido na Inglaterra e nos Estados Unidos, um século depois!

3. Sua visão ministerial

Baxter tinha em alta conta o ministério pastoral²² e, em seu entendimento, as prioridades do pastorado seriam pregar o evangelho, ensinar as Escrituras e pastorear as almas. Sua expectativa era que se

Deus reformar o ministério, estimulando os pastores aos seus deveres de modo zeloso e fiel, o povo certamente será reformado. Todas as igrejas permanecem ou caem conforme o ministério permanece de pé ou cai, não em termos de riquezas ou grandiosidades mundanas, mas em conhecimento [doutrinário e experimental], no zelo e na aptidão para a sua obra.²³

Portanto, ele se dedicava ao ministério de duas maneiras complementares: sermões regulares (um a cada domingo e terça-feira, cada um com uma hora de duração) e encontros pastorais semanais para discussão e oração (onde ele recapitulava o sermão do domingo anterior e distribuía Bíblias e livros evangélicos), além de uma catequese pessoal sistemática de pessoas de todas as faixas etárias.

Em seu entendimento, “constitui um inquestionável dever de todos os ministros da Igreja catequizar e ensinar pessoalmente todos os que são entregues aos seus cuidados”. Isto significava seis coisas: as pessoas deveriam ser ensinadas nas doutrinas centrais e essências da fé cristã; estas doutrinas deveriam ser ensinadas da maneira mais edificante e benéfica possível; neste processo de

²⁰ *Reliquiae Baxterianae*, p. 86 *apud*: J. I. Packer. “O Puritanismo como um movimento de Reavivamento” *in*: *op. cit.*, p. 45.

²¹ *Reliquiae Baxterianae*, pp. 96-97 *apud*: J. I. Packer. “O Puritanismo como um movimento de Reavivamento” *in*: *op. cit.*, p. 46.

²² Para uma visão pastoral bíblica e contemporânea, em grande medida seguindo Baxter, ver John Stott, *Ouçá o Espírito, ouça o mundo*; como ser um cristão contemporâneo (São Paulo: ABU, 1997), pp. 300-325.

²³ *Reliquiae Baxterianae*, p. 115. *apud*: J. I. Packer, “O evangelismo dos puritanos”, *op. cit.*, p. 329.

aprendizagem deveriam ser usadas orientações, exames e instruções pessoais; esta instrução pessoal é recomendada pelas Escrituras e pela história da Igreja; todos os membros da congregação devem ser catequizados e ensinados; esta obra tomará considerável tempo dos ministros.²⁴ Como ele realizava essas entrevistas particulares? Baxter dá conselhos tão práticos quanto uma garantia resumida:

- Justifique o encontro.
 - Fale com as pessoas individualmente: em um cômodo separado ou a uma pequena distância do restante da família (mas não fique sozinho em um cômodo com um membro do sexo oposto, para evitar escândalo).
 - Verifique o que eles aprenderam do catecismo.
 - Escolha um ou dois assuntos importantes e veja quanto eles entendem a esse respeito. Comece com o que obviamente diz respeito a suas vidas, por exemplo, ‘O que você pensa que acontece com as pessoas quando elas morrem. Sobre o que nosso coração deve estar alicerçado?’ Evite perguntas difíceis ou dúbias; faça-as de tal forma que eles possam entender o que você está dizendo. Não pergunte ‘O que é Deus’, por exemplo, mas ‘O que Deus é – Ele é feito de carne e sangue como nós?’ Se eles não entenderem, ajeite a resposta numa questão ‘facilitante’ subsequente de forma que eles precisem responder apenas sim ou não. Se eles realmente não puderem responder, não force-os: dê você mesmo a resposta.
 - Continue com um pouco mais de ensino apropriado a suas capacidades.
 - Se você pensa que eles não são convertidos, explore gentilmente o assunto com eles. Por exemplo: ‘Você sabe como o Espírito Santo faz a fé clara e amacia nossos corações; você já provou isto?’
 - Se eles parecem não convertidos, traga a seus corações um senso de suas condições.
 - Conclua mostrando nosso dever de crer em Cristo e use os meios da graça.
 - Antes de sair, justifique novamente o tempo gasto e expresse estima por o terem dado.
 - Mantenha um bom registro das visitas em um livro.
 - Seja sensível, à sua maneira, às idades e estágios das pessoas, e facilite seu entendimento. Dê comprovações escriturísticas ao que você ensina. Prepare e ore com antecedência, faça-o amorosamente; e se eles estiverem em dificuldades, dê dinheiro para aliviar sua pobreza.
- Baxter conclui: agora vá em frente!²⁵

Por causa do peso do trabalho, e também de doenças, os cristãos passaram a visitá-lo em sua casa. E nenhum deles jamais recusou tal convite. Ele disse:

Encontro mais sinais externos de sucesso com aqueles que vêm do que em toda minha pregação pública. Considero os benefícios e o conforto do trabalho tal que agora eu não o trocaria por todas as riquezas do mundo.²⁶

Ele também distinguiu as diferentes classes de pessoas às quais podemos esperar ao dirigir-nos para qualquer congregação: os que ignoram e são contrários ao ensino, que precisam do equivalente a uma bomba debaixo de seus assentos; os que ignoram, mas que podem ser ensinados e precisam de uma série de instruções acerca do que consiste a fé cristã; os que têm conhecimento, mas não são humildes, que precisam receber o senso de seu pecado; os humildes e desesperados, que precisam ser firmados no evangelho; os crentes que avançam com Deus, que precisam ser edificados; e os crentes que caíram em algum erro, intelectual ou moral, e que precisam de correção. Outras categorias podem ser acrescentadas, como os desencorajados, os magoados e os deprimidos.²⁷

Ele insistia em que os ministros devem pregar sobre as questões eternas como homens que sentem o que estão dizendo, mostrando-se zelosos, conforme as questões da vida e da morte o exigem, e ele mesmo pregava “como alguém sem a certeza de pregar novamente, e como um homem morto a homens mortos”. Ele insistia que

²⁴ Richard Baxter, *O Pastor Aprovado*, *passim*, p. 27.

²⁵ Peter White, *op. cit.*, pp. 154-155.

²⁶ *RPH*, p. 6, *apud*: Peter White, *op. cit.*, p. 155.

²⁷ Richard Baxter, *O Pastor Aprovado*, pp. 102-197.

um ministro deveria tratar com cuidados especiais o seu próprio coração, antes de dirigir-se à sua própria congregação; pois, se ele estiver frio, como poderá aquecer os corações de seus ouvintes? Portanto, dirige-te especialmente a Deus, pedindo-Lhe vigor; lê algum livro que te desperte e anime, ou medita sobre a importância do assunto sobre o qual queres falar, e sobre a grande necessidade das almas de tua gente, para que possas pregar impulsionado pelo zelo do Senhor.²⁸

Os pastores deveriam ser totalmente dedicados também aos estudos: “Se conferirmos à razão, à memória, ao estudo, aos livros, aos métodos, às formas etc., o lugar que merecem, em sujeição à Cristo e ao seu Espírito, descobriremos que, em vez de abafarem o Espírito, são imprescindíveis em seu devido lugar; de fato, esses são os meios que precisamos, se esperamos receber a ajuda do Espírito”.²⁹ Os pastores deveriam ser, para mencionar o título original do livro de Baxter, “reformados”. Ele estava querendo dizer com isto que os pastores seriam pessoas que, através de sua pregação, ensino e exemplo, deveriam ter uma rica compreensão de Deus, sólido conhecimento doutrinário, afeições dirigidas a Ele, um contínuo ardor pela devoção, mais amor, alegria e firmeza nos alvos e prioridades cristãos. Então,

o ideal para cada igreja era que através de clérigos ‘reformados’ cada congregação na sua totalidade viesse a tornar-se ‘reformada’ - trazida, sim, pela graça de Deus a um estado que chamaríamos de avivamento sem desordem, de forma a tornar-se verdadeira e completamente convertida, teologicamente ortodoxa e saudável, espiritualmente alerta e esperançosa, em termos de caráter, sábia e madura, eticamente empreendedora e obediente, e humilde mas alegremente certa de sua salvação.³⁰

O ministério na Inglaterra precisava desesperadamente dessa renovação no século dezessete! No entendimento de Baxter, a menos que o Espírito Santo, estivesse sobre o pregador, tal pregação dificilmente seria considerada verdadeira.

Todo o nosso trabalho deve ser realizado de modo espiritual, como homens dirigidos pelo Espírito Santo. Na pregação de alguns homens há um certo toque espiritual proeminente, que os ouvintes espirituais podem discernir e apreciar... Nossos argumentos e ilustrações sobre a verdade divina também precisam ser espirituais, extraídos das Santas Escrituras... Perder a apreciação pela excelência da Bíblia é sinal de um coração desanimado; pois no coração espiritual há um apego à Palavra de Deus, visto que essa foi a semente que regenerou aquele coração. A Palavra é o selo que deixou todas as impressões santas que existem nos corações dos verdadeiros crentes, e que estampou sobre os mesmos a imagem de Deus; e, por essa razão, eles precisam ter... uma elevada apreciação por ela, enquanto viverem...

Nossa obra deve ser levada a efeito sob um profundo senso de nossa própria insuficiência e de nossa total dependência a Cristo. Nele, que nos envia a trabalhar, precisamos buscar luz, vida e força... Nosso trabalho deve envolver a oração tanto quanto a pregação; pois aquele que não ora intensamente por seu povo, não consegue pregar com ardor a ele. Se não prevalecermos com Deus, para que dê aos ouvintes arrependimento e fé, jamais prevaleceremos diante deles, para que se arrependam e creiam.³¹

Uma das críticas mais importantes feitas por Baxter era sobre a falta de disciplina na igreja, que também está faltando na igreja contemporânea.³² Ele também defendeu com muita força a delegação de deveres de acordo com os dons presentes na igreja local, de modo que todos pudessem usar os

²⁸ J. I. Packer, “Introdução” in: *op. cit.*, p. 9: “Richard Baxter convenceu-me, desde há muito, que a meditação discursiva e regular é uma disciplina imprescindível para a saúde espiritual, na qual, como ele mesmo se expressou, ‘você imita o mais poderoso pregador que ouviu’, na aplicação da verdade espiritual a si mesmo, tornando essa verdade em um motivo de louvor... [Ele afirmou o] método de meditação discursiva dos Salmos, proveniente dos Pais da igreja, e mais especificamente da tradição agostiniana, da qual os Puritanos foram herdeiros”.

²⁹ Baxter, *Works*, I:726 *apud*: J. I. Packer. “A pregação dos puritanos” in: *op. cit.*, p. 303.

³⁰ J. I. Packer, “Por que precisamos dos puritanos?” in: *op. cit.*, p. 23.

³¹ Richard Baxter, *op. cit.*, *passim*.

³² D. Downham, “A disciplina na congregação puritana” in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 3 (Maio/Junho 1994), pp. 28-31.

seus dons no serviço de Deus. Ele também percebeu a importância do aconselhamento pessoal, que, em nossa era também precisa de uma ênfase renovada.³³

Thomas Oden nota que no campo daquilo que podemos chamar de “cuidado pastoral” (ou “cura d’almas”) temos simplesmente nos acomodado às tendências do tempo presente. Ao olharmos as obras recentes de aconselhamento pastoral, vemos numerosas referências a Freud e pós-freudianos, a Jung e aos behavioristas, mas não há, absolutamente, nenhuma referência a Gregório, o Grande (540-604), ou a Gregório de Nissa (334-395), ou a Agostinho de Hipona (354-430), aos escritos pastorais dos Pais cristãos gregos, ou a Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564). O moderno trabalho pastoral, então, simplesmente se acomodou à moderna psicoterapia – e isto não é vantagem nenhuma!³⁴ Peterson também diz:

Poder-se ia pensar que alguém que aprendesse a ler hebreu e grego e mergulhasse nas Sagradas Escrituras com as minúcias exigidas pela leitura do original estaria protegido contra as tendências passageiras. E também seria possível acreditar que alguém que avaliasse a história secular da salvação de um povo, meditasse na paixão de Cristo e fosse instruído na teologia de Paulo não seria facilmente enganado por práticas que levam a adivinhações mitológicas... (...) Esse também não tentaria entender os filhos de Deus a partir de modelos recentes, derivados do tratamento de doentes mentais, nem seria cativado pela prosa nebulosa de métodos científicos. Mas tudo isso vem acontecendo. Os pastores se voltam mais para a terapia gestáltica de Frederick Perls do que para as orações de confissão de Jeremias de Anatote. Preferem as citações de Ralph Nader de Washington sobre a exploração do consumidor às de Isaías de Jerusalém sobre a paz. Sentem mais entusiasmo pelo reformismo de Ivan Illich do que pelo reformador João Calvino. Apreciam e conhecem mais os arquétipos gnósticos de Carl Jung do que os argumentos corajosos de Martinho Lutero. A Bíblia que usamos no domingo é rapidamente substituída na segunda-feira pela manhã pelo manual de organização ou de aconselhamento mais recente, ou pela revista semanal. Mas o trabalho pastoral não se aperfeiçoa pela aquisição de mais conhecimento, mas pela assimilação da antiga sabedoria. Não pela leitura dos últimos livros, mas pela meditação nas obras antigas.³⁵

Richard Baxter menciona constantemente estes antigos Pais em seus escritos, e demonstra que podemos nos beneficiar de suas percepções e maturidade espiritual no trabalho pastoral.³⁶

A essência do cristianismo

Apesar de ter sido um teólogo extremamente capaz, Richard Baxter enfatizou em seus trabalhos pastorais aquilo que, em nosso tempo, C. S. Lewis (1898-1963) chamou de “cristianismo puro e simples”.³⁷ Em seu programa de ensino

aquilo que eu lhes expunha e, com toda a insistência, procurava imprimir em suas mentes era o grande princípio fundamental do cristianismo contido na aliança batismal deles, ou seja, um correto conhecimento, fé,

³³ James Houston, “nota do editor sobre Baxter e sobre a relevância da obra” em Richard Baxter, *O Pastor aprovado*, p. 12.

³⁴ Oden é metodista e atualmente atua como professor de Teologia e Ética na Drew University, em New Jersey, EUA. Em seu entendimento, devemos voltar para a tradição cristã clássica, sem, contudo, menosprezarmos o que foi aprendido com a experiência clínica moderna. “An interview with Thomas Oden”, *Premise* – Volume II, Number 8 / September 27, 1995, page 9. <http://www.capo.org/premise/95/sep/p950809.html> (30/5/2000). Para uma visão equilibrada na relação entre teologia e psicologia, ver o ensaio de David Powlison, “Integração ou inundação”, em Michael Horton (ed.), *Religião de Poder; a igreja sem fidelidade bíblica e sem credibilidade no mundo* (São Paulo: Cultura Cristã, 1998), pp. 157-180.

³⁵ Eugene Peterson, *O pastor que Deus usa* (Rio de Janeiro: Textus, 2003), pp. 22-23. Recomendo fortemente a leitura dos outros livros de Peterson sobre a santidade vocacional do ministério cristão: *Um pastor segundo o coração de Deus* (Rio de Janeiro: Textus, 2000), *O pastor contemplativo* (Rio de Janeiro: Textus, 2002) e *À sombra da planta imprevisível* (Campinas: United Press, 2001).

³⁶ Para mais pesquisas sobre diversos aspectos pastorais e teológicos ligados a Baxter, ver: *The Richard Baxter Homepage* em <http://members.aol.com/augusteen/Baxter.html> e *The Richard Baxter Society* em <http://members.tripod.com/~oobofcom/index-3.html>.

³⁷ Para uma avaliação judiciosa da teologia de Richard Baxter ver o capítulo “a doutrina da justificação – desenvolvimento e declínio entre os puritanos”, em J. I. Packer, *op. cit.*, pp. 163-176.

sujeição e amor a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, bem como o amor para com todos os homens e a harmonia na igreja e uns com os outros... É preciso muito tempo para explicar o verdadeiro e proveitoso método do Credo [Apostólico] (a doutrina da fé), a oração do Pai Nosso (aquilo que desejamos) e os Dez Mandamentos (a lei da prática); o tratar desses assuntos fornece matéria adicional para o conhecimento da maioria dos que se professam cristãos. E uma vez feito isso, eles precisam ser levados adiante... não ao ponto de se deixar os mais fracos para trás. Mas sempre ensinando o que é subserviente aos grandes pontos da fé, da esperança e do amor, da santidade e da unidade, noções essas que precisam ser constantemente inculcadas, como o começo e o fim de tudo.³⁸

Baxter nos desafia a entender, ensinar e lutar por aquilo que é o âmago da fé cristã, a mensagem bíblica sobre ruína, redenção e regeneração,³⁹ e o meditar nestas doutrinas nos leva a entender que o senso de unidade e diversidade no corpo de Cristo deveria estender-se às outras igrejas que confessam e praticam a genuína fé evangélica, não vistas como numa competição religiosa, mas como congregações companheiras na igreja universal do nosso Senhor. Em suas preciosas palavras, “em coisas essenciais, unidade; nas não-essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade”.⁴⁰

³⁸ *Reliquiae Baxterianae*, pp. 93-94. *apud*: J. I. Packer, “O evangelismo dos puritanos”, *op. cit.*, p. 328.

³⁹ Maurice Roberts, “Richard Baxter and His Gospel”. Impressa novamente da *Banner of Truth Magazine*, no. 339, December 1991 em <http://www.puritansermons.com/baxter/baxter19.htm> (30/5/2000).

⁴⁰ Esta frase é atribuída alternadamente a Peter Meiderlin, Gregor Franke e Richard Baxter – respectivamente, luterano, calvinista e anglicano. Ruth Rouse & Stephen C. Neill, (eds.), *A History of the Ecumenical Movement, 1517-1948* (London: SPCK, 1954), p. 82, 146 *apud*: Páraic Réamon, “A Reformed Vision of Unity” em *Reformed World* Vol. 47 N° 2 June 97, p. 91.